

COLEÇÃO POIESIS

Charles Baudelaire

# Meu Coração Desnudado

*Tradução de*  
AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA  
FERREIRA

  
EDITORA  
NOVA  
FRONTEIRA

## COMO SE FOSSE UM PREFÁCIO

*Pede-me Pedro Paulo de Sena Madureira que eu ponha à frente desta tradução algumas palavras a respeito de Baudelaire. Palavras em que diga como me aproximei do Poeta.*

*Morava eu em Maceió, andava por volta dos vinte anos, quando encomendei Les Fleurs du Mal a um livreiro muito culto, homem de muitos saberes, o Professor Luís Lavenère. Numa vida de trabalho em excesso, e o seu tanto dispersiva, encontrei tempo para incluir entre as minhas leituras a das trezentas e tantas páginas do volume.*

*Como eu era, então, bom de memória, cheguei a ter de cor muitos versos, muitas quadras, e até muitos poemas por inteiro. Ah, "La Charogne", "Hymne à la Beauté" ("L'amoureux pantelant incliné sur sa belle | A l'air d'un moribond caressant son tombeau.")... Tanta coisa...*

*Anos e anos depois, aí por 1940, aproximei-me dos Petits Poèmes en Prose, que terminei traduzindo, e ora está na quarta edição. Por esse mesmo então andei vertendo em português páginas do Mon Coeur Mis a Nu. Porém esse trabalho ficou, mais ou menos, na quarta parte. Falando-lhe*

eu dessa outra obra, mostrou-se Pedro Paulo interessado por ela, e eu acabei de traduzi-la, e a revi, retoquei-a, pedi as luzes de Mestre Paulo Rónai para a solução de dúvidas.

No presente volume tem-se um pequeno mas extraordinário conjunto de confissões, julgamentos, conceitos, meditações, reminiscências, apontamentos de ordem prática, tudo muito vivo, direto, repentino, com um sem-fim de paradoxos, de absurdos, e onde se cruzam sentimentos de vária natureza — animação e desalento, crença e descrença, certezas e dúvidas. Mais dúvidas que certezas.\*

AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA

## Meu Coração Desnudado

\* Para informação a respeito de Baudelaire, ver a minha tradução dos *Pequenos Poemas em Prosa*, 4.<sup>a</sup> edição, Editora Nova Fronteira.

Meu Coração  
Desnudo

Diário Íntimo

## Meu Coração Desnudado

... Da vaporização e da centralização de Eu Ni-  
to se resume tudo.

De uma certa fração semina as condições das  
extravagantes.

(Eu penso começo *Meu Coração Desnudado*  
seja onde for, seja como for, e cost me-lo de - de  
conforme a inspiração do dia e os acontecimentos,  
contanto que a inspiração seja viva.)

Meu Coração  
Desnudo

I

Da vaporização e da centralização do Eu. Nisto se resume tudo.

De uma certa fruição sensual na sociedade dos extravagantes.

(Eu penso começar *Meu Coração Desnudo* seja onde for, seja como for, e continuá-lo dia a dia, conforme a inspiração do dia e da circunstância, contanto que a inspiração seja viva.)

## II

Qualquer João-ninguém, desde que saiba divertir, tem o direito de falar de si mesmo.

(Eu penso começar Meu Conselho Desmaldado esta onde for, seja como for e continue-o dia a dia, conforme a inspiração do dia e da circunstância, contanto que a inspiração seja viva.)

## III

Compreendo que se abandone uma causa para saber o que se experimentará em servir a outra causa.

Seria agradável, talvez, ser alternativamente vítima e carrasco.

#### IV

Tolices de Girardin:

“Costumamos pegar o touro pelos chifres. Tomemos, portanto, o discurso pelo fim.”

(17 de novembro de 1863.)

Ora, Girardin supõe que os chifres dos touros lhes são plantados no traseiro. Confunde os chifres com a cauda.

“*Que, antes de imitar os Ptolomeus do jornalismo francês, os jornalistas belgas se dêem o trabalho de refletir acerca do problema que eu estudo de trinta anos para cá sob todos os aspectos, tal como o provará o volume, de próxima publicação, com este título: Problemas de Imprensa; que eles não se apressem em tachar de soberanamente ridícula uma opinião que é tão verdadeira quanto verdadeiro é que a Terra gira e o Sol não gira.*”

ÉMILE DE GIRARDIN.

#### V

A mulher é o contrário do Dândi. Deve, pois, causar horror.

A mulher tem fome, e quer comer; sede, e quer beber.

Ela está no cio, e quer ser trepada.

Grande mérito!

A mulher é natural, isto é, abominável.

Por isso ela é sempre vulgar, isto é, o contrário do Dândi.

*A respeito da Legião de Honra.* — Aquele que pede a cruz parece dizer: — Se não me condecoraram por haver cumprido o meu dever, eu não recomeçarei mais.

Se um homem tem mérito, por que condecorá-lo? Se não o tem, podem condecorá-lo, que isso lhe dará um lustre.

Consentir em ser condecorado é reconhecer ao Estado ou ao príncipe o direito de vos julgar, de vos ilustrar, etc.

Aliás, se não é o orgulho, é a humildade cristã que proíbe a cruz.

*Cálculo em favor de Deus.* — Nada existe sem um fim.

Ora, a minha existência tem um fim.

Que fim? Ignoro-o.

Não fui eu, pois, quem o marcou. Foi, pois, um qualquer mais sábio do que eu.

Então cumpre rogar a esse alguém que me esclareça. É o partido mais sábio.

Deve o Dândi aspirar a ser sublime, sem interrupção. Deve ele viver e dormir diante dum espelho.

## VI

Análise das contra-religiões; exemplo: a prostituição sagrada.

Que é a prostituição sagrada?

Excitação nervosa.

Misticismo do paganismo. O misticismo, traço de união entre o paganismo e o cristianismo.

O paganismo e o cristianismo demonstram-se mutuamente.

A Revolução e o culto da Razão demonstram a idéia do sacrifício.

A superstição é o reservatório de todas as verdades.

## VII

Há em toda mudança algo infame e agradável ao mesmo tempo, algo que participa da infidelidade e da mudança. Isso basta para explicar a Revolução Francesa.

## VIII

A minha embriaguez em 1848.  
De que natureza era essa embriaguez? Gosto da vingança. Prazer natural da demolição. Embriaguez literária; lembrança das leituras.

O 15 de Maio. Sempre o gosto da destruição. Gosto legítimo, se é legítimo tudo quanto é natural.

Os horrores de junho. Loucura do povo e loucura da burguesia. Amor natural do crime.

Meu furor ante o golpe de Estado. Quantos tiros levei! Mais um Bonaparte! Que vergonha!

E tudo, no entanto, se pacificou. Não tem o Presidente um direito a invocar?

O que é o Imperador Napoleão III. O que ele vale. Achar a explicação da sua natureza, e da sua providencialidade.

## IX

Ser um homem útil sempre me pareceu algo muito nojento.

1848 só foi divertido porque cada um fazia utopias como castelos no ar.

1848 só foi encantador pelo próprio excesso do ridículo.

Robespierre só é estimável porque fez algumas belas frases.

## X

A Revolução, pelo sacrifício, confirma a Superstição.

XI

*Política.* — Não tenho convicções, como o entendem os homens do meu século, porque não tenho ambição.

Não há, em mim, base para uma convicção.

Há uma certa frouxidão, ou antes, uma certa moleza, nas pessoas de bem.

Somente os salteadores estão convencidos, — de quê? — De que devem vencer. Por isso eles vencem.

Como é que eu venceria, se não tenho sequer vontade de tentar?

Podem fundar impérios gloriosos sobre o crime, e nobres religiões sobre a impostura.

Entretanto, eu tenho algumas convicções, num sentido mais elevado, e que os homens do meu tempo não podem compreender.

XII

Sentimento de *solidão*, desde a minha infância. Apesar da família, e no meio dos camaradas, sobretudo, — sentimento de destino eternamente solitário.

Contudo, gosto vivíssimo da vida e do prazer.

### XIII

Quase toda a nossa vida é empregada em curiosidades tolas. Em compensação, há coisas que deveriam acender no mais alto grau a curiosidade dos homens, e que, a julgar pela sua vida ordinária, não lhes inspiram nenhuma.

Onde estão nossos amigos mortos?

Por que estamos aqui?

Vimos de alguma parte?

Que é a liberdade?

Pode ela conciliar-se com a lei providencial?

O número das almas é finito ou infinito?

E o número das terras habitáveis?

Etc., etc.

### XIV

As nações não têm grandes homens senão a contragosto. Portanto, o grande homem é vencedor de toda a sua nação.

As religiões modernas ridículas:

Molière,

Béranger,

Garibaldi.

XV

A crença no progresso é uma doutrina de preguiçosos, uma doutrina de belgas. É o indivíduo que conta com os vizinhos para fazer o seu trabalho.

Não pode haver progresso (verdadeiro, ou seja, moral) a não ser no indivíduo e pelo próprio indivíduo.

Porém o mundo é feito de pessoas que não sabem pensar senão em comum, em bandos. Assim as *Sociedades Belgas*.

Por outro lado, homens há que não se podem divertir senão em bando. O verdadeiro herói se diverte sozinho.

XVI

Eterna superioridade do dândi.  
Que é o Dândi?

## XVII

Minhas opiniões sobre o teatro. O que eu sempre achei mais bonito num teatro, em minha infância, e ainda hoje, é o *lustre*, — um belo objeto luminoso, cristalino, complicado, circular e simétrico.

Contudo, não nego absolutamente o valor da literatura dramática. Quisera eu, porém, que os comediantes montassem patins altíssimos, trouxessem máscaras mais expressivas que o semblante humano, e falassem através de porta-vozes; enfim, que os papéis de mulheres fossem desempenhados por homens.

Além de tudo, o lustre sempre se me afigurou como o ator principal, visto através da grande ou da pequena extremidade do binóculo.

## XVIII

É necessário trabalhar, se não por gosto, ao menos por desespero, dado que, bem feitas as contas, trabalhar é menos tedioso que divertir-se.

## XIX

Há em todo homem, a toda hora, duas postulações simultâneas, uma para Deus, outra para Satã.

A invocação a Deus, ou espiritualidade, é um desejo de subir de grau; a de Satã, ou animalidade, é uma alegria de descer. A esta é que devem estar relacionados os amores às mulheres e as conversas íntimas com os animais, cães, gatos, etc. As alegrias provenientes desses dois amores são adaptadas à natureza desses dois amores.

## XX

Embriaguez de humanidade; grande quadro por fazer;

No sentido da caridade;

No sentido da libertinagem;

No sentido literário, ou do Comediante.

## XXI

A tortura, como arte de descobrir a verdade, é uma parvoíce bárbara; é a aplicação de um meio material a um fim espiritual.

A pena de morte é o resultado de uma idéia mística, totalmente incompreendida hoje em dia. A pena de morte não visa a *salvar* a sociedade, ao menos materialmente. Ela visa a *salvar* (espiritualmente) a sociedade e o culpado. Para que seja perfeito o sacrifício, cumpre haver assentimento e alegria, por parte da vítima. Dar clorofórmio a um condenado à morte seria uma impiedade, pois implicaria tirar-lhe a consciência da própria grandeza como vítima e suprimir-lhe as oportunidades de ganhar o Paraíso.

### Dândis.

O inverso de Claude Gueux. Teoria do sacrifício. Legitimação da pena de morte. O sacrifício não é completo senão com o *sponte sua* da vítima.

Um condenado à morte que, escapo ao carrasco, libertado pelo povo, retornasse ao carrasco. Nova justificação da pena de morte.

A tortura, essa nasceu da parte infame do coração do homem, sedento de volúpias. Crueldade e volúpia, sensações idênticas, como o extremo calor e o frio extremo.

## XXII

O que eu penso do voto e do direito de eleição. Direitos do homem.

O que há de vil numa função qualquer.

Um dândi não faz nada.

Concebeis um dândi falando ao povo, a não ser para o achincalhar?

Não há governo razoável e seguro a não ser o aristocrático.

Monarquia ou república, baseadas na democracia, são igualmente absurdas e falsas.

Nojo imenso dos cartazes.

Só existem três seres respeitáveis: o padre, o guerreiro, o poeta. Saber, matar e criar.

Os outros homens são talháveis e corveáveis, feitos para a cavalaria, vale dizer, para exercer o que chamam *profissões*.

Observemos que os abolidores da pena de morte devem ser mais ou menos *interessados* em aboli-la.

São, muitas vezes, guilhotinadores. Isto se pode resumir assim: "Quero poder cortar-te a cabeça, porém tu não tocarás na minha."

Os abolidores de almas (*materialistas*) são necessariamente abolidores de inferno; eles são, sem a menor dúvida, *interessados* nisso.

Pelo menos, são pessoas que têm *medo de reviver*, — preguiçosos.

Madame de Metternich, embora princesa, esqueceu-se de responder-me, a propósito do que eu disse dela e de Wagner.

Costumes do século XIX.

História da minha tradução de Edgar Poe.  
 História de *As Flores do Mal*. Humilhação pelo equívoco, e o meu processo.

História das minhas relações com todos os homens célebres desta época.

Lindos retratos de alguns imbecis:

Clément de Ris.

Castagnary.

Retratos de magistrados, de funcionários, de diretores de jornais, etc.

Retrato do artista, em geral.

Do redator-chefe e da vigilância. Imenso gosto de todo o povo francês pela vigilância e pela ditadura. É o *Se eu fosse rei!*

*Retratos e anedotas.*

François Buloz, — Houssaye, — o famoso Rouy, — de Calonne, — Charpentier, que corrige os seus autores, em virtude da igualdade concedida a todos os homens pelos imortais princípios de [17]89. — Chevalier, verdadeiro redator-chefe segundo o Império.

*A respeito de George Sand.* — A mulher Sand é o Prudhomme da imoralidade.

Ela sempre foi moralista.

Apenas, outrora ela fazia contramoral.

Também nunca foi artista. Tem o famoso *estilo fluente*, caro aos burgueses.

É tola, é pesada, é tagarela. Tem, nas idéias morais, a mesma profundidade de julgamento e a mesma delicadeza de sentimento que os porteiros e as concubinas.

O que ela diz de sua mãe.

O que ela diz da poesia.

O seu amor aos operários.

O haverem alguns homens podido embeijar-se por esta latrina é bem a prova do rebaixamento dos homens deste século.

Veja-se o prefácio de *Mademoiselle La Quintinie*, onde ela pretende que os verdadeiros cristãos não acreditam no Inferno.

A Sand é pelo *Deus da boa gente*, o deus dos porteiros e dos criados gatunos.

Tem ela boas razões para querer suprimir o Inferno.

*O Diabo e George Sand.* — Não se creia que o Diabo só tente os homens de gênio. Certo, ele despreza os imbecis, porém não lhes desdenha o concurso. Muito pelo contrário, neles funda suas grandes esperanças.

Veja-se George Sand. Ela é acima de tudo, e mais que outra coisa qualquer, uma *grande besta*; mas é *possessa*. Foi o Diabo quem a persuadiu a fiar-se no *seu bom coração* e no *seu bom senso*, a fim de que ela persuadisse todas as outras grandes bestas a fiarem-se no seu bom coração e no seu bom senso.

Não posso pensar nessa estúpida criatura sem certo frêmito de horror. Se a encontrasse, não conseguiria conter-me que não lhe atirasse à cabeça uma caldeira de água benta.

George Sand é uma dessas velhas ingênuas que não querem nunca sair de cena. — Li ultimamente um prefácio (o prefácio de *Mademoiselle La Quintinie*) onde ela afirma que um verdadeiro cristão não pode acreditar no Inferno. Boas razões tem ela para querer suprimir o Inferno.

Entedio-me na França, sobretudo porque toda a gente, lá, se parece com Voltaire.

Emerson esqueceu Voltaire nos seus *Representantes da Humanidade*. Poderia ter feito um lindo capítulo intitulado: *Voltaire, ou o Antipoeta*, o rei dos basbaques, o príncipe dos superficiais, o antiartista, o pregador dos porteiros, o pai Gigogne dos redatores de *O Século*.

Em *As Orelhas do Conde de Chesterfield*, Voltaire zomba dessa alma imortal que residiu, durante nove meses, entre excrementos e urinas. Como todos os preguiçosos, Voltaire odiava o mistério. Teria ao menos podido adivinhar nessa localização uma malícia ou uma sátira da Providência contra o amor, e no modo de ser da geração uma marca do pecado original. Com efeito, não podemos praticar o amor senão com órgãos excrementícios.

Não podendo suprimir o amor, quis a Igreja pelo menos desinfetá-lo, e fez o casamento.

Retrato da Canalha literária.  
 Doctor Estaminetus Crapuiosus Pedantissimus.  
 Seu retrato feito à maneira de Praxíteles.  
 Seu cachimbo,  
 Suas opiniões,  
 Seu hegelianismo,  
 Sua sujeira,  
 Suas idéias em arte,  
 Sua bília,  
 Seu ciúme.  
 Um lindo quadro da moderna juventude.

Φαρμακοτρίβης, ἀνὴρ καὶ τῶν τοῦς ὄφεις ἐς τὰ  
 δῶματα τρέφοντων.\*

ELIEN.

\* "O triturador de drogas, um desses homens que criam serpentes para espetáculos."

XXXIII

A Teologia.

Que é a queda?

Se é a unidade feita dualidade, então foi Deus quem caiu.

Noutras palavras: não seria a criação a queda de Deus?

*Dandismo.* — Que é o homem superior?

Não é o especialista.

É o homem de ócio e de Educação geral.

Ser rico e gostar do trabalho.

XXXIV

Por que razão o homem de espírito gosta das prostitutas mais que das senhoras da sociedade, não obstante serem elas igualmente estúpidas? — Para descobrir.

XXXV

Há certas mulheres que se assemelham à fita da Legião de Honra. Ninguém mais as quer, porque elas se sujaram em certos homens.

É pela mesma razão que eu não vestiria o calção dum sarnento.

O que há de enfadonho no amor é ser ele um crime em que não se pode dispensar um cúmplice.

XXXVI

Estudo da séria doença do horror ao domicílio. Causas da doença. Crescimento progressivo da doença.

Indignação provocada pela fatuidade universal de todas as classes, de todos os seres, nos dois sexos, em todas as idades.

O homem ama tanto o homem que, quando foge da cidade, ainda é para buscar a multidão, isto é, para refazer a cidade no campo.

XXXVII

Discurso de Durandeu acerca dos japoneses.  
(Eu sou francês antes de tudo.)

Os japoneses são macacos, foi Darjon quem me disse.

Discurso do médico, o amigo de Mathieu, sobre a arte de não fazer filhos, sobre Moisés, e sobre a imortalidade da alma.

A arte é um agente civilizador (Castagnary).

XXXVIII

Fisionomia dum sábio e de sua família no quinto andar, tomando café com leite.

O Sr. Nacquart pai e o Sr. Nacquart filho.

Como o Nacquart filho se tornou conselheiro da Corte de Apelação.

## XXXIX

Do amor, da predileção dos franceses pelas metáforas militares. Aqui, todas as metáforas trazem bigodes.

Literatura militante.

Estar na brecha.

Empunhar alto a bandeira.

Trazer a bandeira alta e firme.

Lançar-se ao combate.

Um dos veteranos. — Toda essa gloriosa fraseologia aplica-se, em geral, a pedantes e a vadios de botequim.

## XL

Metáfora francesa.

Soldado da imprensa judiciária (Bertin).

A imprensa militante.

## XLI

Para acrescentar às metáforas militares:

Os poetas de combate.

Os literatos de vanguarda.

Estes hábitos de metáforas militares denotam espíritos não militantes, mas feitos para a disciplina, vale dizer, para a conformidade; espíritos nascidos domésticos, espíritos belgas, incapazes de pensar senão coletivamente.

## XLII

O gosto do prazer liga-nos ao presente. O cuidado com a salvação suspende-nos ao futuro.

Aquele que se liga ao prazer, isto é, ao presente, dá-me a impressão dum homem a rolar num declive, e que, querendo agarrar-se aos arbustos, os arrancasse e os levasse consigo na queda.

*Antes de tudo, ser um grande homem e um santo para si mesmo.*

XLIII

Do ódio do povo à beleza. Exemplos: Jeanne e  
M<sup>ME</sup> Muller.

XLIV

*Política.* — Afinal de contas, perante a história e perante o povo francês, a grande glória de Napoleão III terá sido provar que o primeiro que chega pode, apoderando-se do telégrafo e da Imprensa Nacional, governar uma grande nação.

Imbecis os que acreditam que tais coisas podem ser levadas a cabo sem a permissão do povo, — e os que acreditam que a glória só pode apoiar-se na virtude!

Os ditadores são os criados do povo, — nada mais, aliás um indecente papel, e a glória é o resultado da adaptação dum espírito à tolice nacional.

## XLV

Que é o amor?

A necessidade de sair de si.

O homem é um animal adorador.

Adorar é sacrificar-se e prostituir-se.

Assim, todo amor é prostituição.

## XLVI

O ser mais prostituído é o ser por excelência, é Deus, visto que é ele o amigo supremo para cada indivíduo, visto que é ele o reservatório comum, inesgotável, do amor.

### PRECE

*Não me castigueis em minha mãe e não castigais minha mãe por minha causa. — Recomendo-vos as almas de meu pai e de Mariette. — Dai-me a força de cumprir imediatamente o meu dever todos os dias e de tornar-me, assim, um herói e um santo.*

## XLVII

Um capítulo sobre a indestrutível, eterna, universal e engenhosa ferocidade humana.

Do amor do sangue.

Da embriaguez do sangue.

Da embriaguez das multidões.

Da embriaguez do supliciado (Damiens).

## XLVIII

Não há grandes, entre os homens, a não ser o poeta, o padre e o soldado.

O homem que canta, o homem que sacrifica e o homem que se sacrifica.

O resto é feito para o chicote.

Desconfiemos do povo, do bom senso, do coração, da inspiração e da evidência.

## XLIX

Sempre me espantei de deixarem entrar as mulheres nas igrejas. Que conversação podem elas ter com Deus?

A eterna Vênus (capricho, histeria, fantasia) é uma das formas sedutoras do Diabo.

No dia em que o jovem escritor corrige a sua primeira prova, sente-se orgulhoso como um escolar que acaba de ganhar a sua primeira sífilis.

Não esquecer um extenso capítulo sobre a arte da adivinhação pela água, pelas cartas, pelo exame da mão, etc.

## L

A mulher não sabe separar a alma do corpo. É simplista, como os animais. — Um satírico diria que é porque ela só tem o corpo.

Um capítulo sobre a *Toilette*.

Moralidade da *toilette*, as felicidades da *toilette*.

## LI

Do pedantismo,  
dos professores,  
dos juizes,  
dos padres  
e dos militares.

Os lindos grandes homens do dia.

Renan.

Feydeau.

Octave Feuillet.

Scholl.

Os diretores de jornais, François Buloz, Hous-  
saye, Rouy, Girardin, Texier, de Calonne, Solar, Tur-  
gan, Dalloz.

Lista de canalhas, encabeçada por Solar.

## LII

Ser um grande homem e um santo *para si mes-  
mo*, eis a única coisa importante.

### LIII

Nadar, eis a mais espantosa expressão de vitalidade. Dizia-me Adrien que seu irmão Félix tinha todas as vísceras em dobro. Invejei-o vendo-o sair-se tão bem em tudo o que não é o abstrato.

Veillot é tão grosseiro e tão inimigo que dir-se-ia que toda a democracia do mundo se refugiou em seu seio.

Desenvolvimento do retrato. Supremacia da Idéia pura no cristão como no comunista babovista.

Fanatismo da humanidade. Não aspirar sequer a compreender a religião.

Os directores de jornais, Francisco Buloz, Houssier, Ruy, Gerardo, Texier, de Calvane, Solar, Turque, Dailac.  
Luzes de canthas, encabeçada por Solar.

### LIV

Música.  
Da escravidão.  
Das senhoras da sociedade.  
Das prostitutas.  
Dos magistrados.  
Dos sacramentos.  
O homem de letras é o inimigo do mundo.  
Dos burocratas.

LV

No amor, como em todos os negócios humanos, o entendimento cordial resulta de um mal-entendido. Esse mal-entendido é o prazer. O homem exclama: — Ó meu anjo! A mulher arrulha: — Mamãe! mamãe! E os dois imbecis estão persuadidos de que pensam de acordo. — O abismo infranqueável, que gera a incomunicabilidade, permanece infranqueado.

Letras mortuárias de um mundo morto  
Não pare ao certo como no momento habitual.  
Fenômeno de humanidade. Não espitar sequer  
a compreender a razão.

LVI

Por que motivo o espetáculo do mar é tão infinitamente e tão eternamente agradável?

Porque o mar oferece, a um tempo, a idéia da imensidade e a do movimento. Seis ou sete léguas representam para o homem o raio do infinito. Eis aí um infinito diminutivo. Que importa, se ele basta para sugerir a idéia do infinito total? Doze ou quatorze léguas de líquido em movimento bastam para dar a mais alta idéia de beleza que se ofereça ao homem no seu habitáculo transitório.

Letras de um mundo morto

## LVII

Nada existe sobre a Terra tão interessante quanto as religiões.

Que é a religião universal (Chateaubriand, de Maistre, os Alexandrinos, Capé)?

Há uma religião universal feita pelos alquimistas do pensamento, uma religião que se desprende do homem, considerado como memento divino.

## LVIII

Saint-Marc Girardin disse uma palavra que ficará: "*Sejamos mediocres!*"

Comparemos essa palavra com a de Robespierre: "Aqueles que não crêem na imortalidade do seu ser fazem justiça a si mesmos."

A palavra de Saint-Marc Girardin implica um ódio sem limites ao sublime.

Quem viu Saint-Marc Girardin caminhar na rua concebeu de pronto a idéia dum grande ganso cheio de si, mas assustado e a correr na estrada real, em frente à diligência.

## LIX

Teoria da verdadeira civilização. Ela não está no gás, nem no vapor, nem nas mesas giratórias. Está na diminuição das marcas do pecado original.

Povos nômades, pastores, caçadores, agricultores e até antropófagos, podem todos ser superiores, pela energia, pela dignidade pessoal, às nossas raças do Ocidente.

Estas serão talvez destruídas.

Teocracia e comunismo.

## LX

Foi pelo ócio que eu, em parte, cresci.

Para meu grande dano; pois o ócio, sem fortuna, aumenta as dívidas, as afrontas resultantes das dívidas.

Mas para grande proveito meu, quanto à sensibilidade, à meditação e à faculdade do dandismo e do diletantismo.

Os outros homens de letras são, na maior parte, cê-de-efes muito ignorantes.

## LXI

A mocinha dos editores.

A mocinha dos redatores-chefes.

A mocinha espantalho, monstro, assassino da arte.

A mocinha, o que ela é na realidade.

Uma tolinha e uma pequena prostituta; a maior imbecilidade unida à maior depravação.

Há na mocinha toda a abjeção do malandro e do colegial.

## LXII

Aviso aos não-comunistas.

Tudo é comum, até Deus.

### LXIII

O francês é um animal de galinheiro tão bem domesticado que não ousa transpor nenhuma paliçada. Ver os seus gostos em arte e em literatura.

É um animal de raça latina; a imundície não lhe desagrade, no seu domicílio, e, em literatura, é escatófago. É doido por excrementos. A isso as literaturas de botequim chamam *o sal gaulês*.

*Belo exemplo de baixeza da França, da nação que se pretende independente acima de todas as demais.*

“Bastará o trecho seguinte do belo livro de M. de Vaulabelle para dar idéa da impressão produzida pela evasão de Lavalette a respeito da porção menos esclarecida do partido realista:

“O arrebatamento realista, neste momento da segunda Restauração, ia, por assim dizer, até à loucura. A jovem Josefina de Lavalette era educada num dos principais conventos de Paris (a Abbaye-au-Bois); não o deixara a não ser para vir beijar seu pai. Quando a ele tornou após a evasão e se conheceu a modestíssima parte que nesta ela tomara, levantou-se um imenso clamor contra essa menina; as religiosas e suas companheiras evitavam-na, e bom número de parentes declararam que retirariam suas filhas se a mantivessem. Não queriam eles, diziam, deixar suas filhas em contato com uma jovem que tivera semelhante con-

duta e dado semelhante exemplo. Quando, decorridas seis semanas, Mme de Lavalette recobrou a liberdade, foi obrigada a retomar a filha.”

*Príncipes e gerações.* — Há uma igual injustiça em atribuir aos príncipes reinantes os méritos e os vícios do povo atual que eles governam.

Tais méritos e tais vícios são quase sempre, como poderiam demonstrá-lo a estatística e a lógica, atribuíveis à atmosfera do governo anterior.

Luís XIV herda dos homens de Luís XIII: glória. Napoleão I herda dos homens da República: glória. Luís-Filipe herda dos homens de Carlos X: glória. Napoleão III herda dos homens de Luís-Filipe: desonra.

Sempre o governo anterior é responsável pelos costumes do seguinte, tanto quanto possa um governo ser responsável pelo que quer que seja.

Os cortes imprevistos que as circunstâncias operam nos reinos não permitem seja essa lei absolutamente exata em relação ao tempo. É impossível determinar com exatidão onde acaba uma influência, mas esta influência subsistirá em toda a geração que a experimentou quando jovem.

Do ódio da juventude aos citadores. O citador é para eles um inimigo.

“Eu poria a própria ortografia sob a mão do carrasco.”

THÉOPHILE GAUTIER.

Belo quadro por pintar: a canalha literária.

Não esquecer um retrato de Forgues, o pirata, o plagiário de cartas.

Gosto inamovível da prostituição na alma do homem, donde vem o seu horror à solidão. — Ele quer ser *dois*. O homem de gênio quer ser *um*, portanto solitário.

A glória é permanecer *um*, e prostituir-se de um modo particular.

A esse horror à solidão, a necessidade de olvidar seu eu na carne exterior, é que o homem chama nobremente *necessidade de amar*.

Duas belas religiões, imortais sobre os muros, eternas obsessões do Povo: uma p. . . (o fálus antigo) e “Viva Barbès!” ou “Abaixo Filipe!” ou “Viva a República!”.

LXVI

Estudar em todos os seus modos, nas obras da Natureza e nas obras do homem, a universal e eterna lei da gradação, dos *pouco a pouco*, do *aos poucos*, com as forças progressivamente crescentes, como os juros compostos, em matéria de finanças.

O mesmo se dá com a *habilidade artística e literária*; o mesmo se dá com o tesouro variável da *vontade*.

LXVII

A balbúrdia dos pequenos literatos, que se observa nos enterros, distribuindo apertos de mão e recomendações à memória do fazedor de *correios*.  
Do enterro dos homens célebres.

De repente, de repente, o homem  
Faz o seu trabalho e vai-se embora,  
Como um vento que sopra e se desfaz,  
Que se não vê mais.

De repente, de repente,  
A dor do mundo  
Ele não vê, ele não sente,  
Ele não sabe, ele não entende,  
Ele não quer, ele não pode,  
Ele não sabe, ele não entende,  
Ele não quer, ele não pode,  
Ele não sabe, ele não entende,  
Ele não quer, ele não pode.

LXVIII

*Molière.* — Minha opinião acerca do *Tartufo* é que não se trata de uma comédia, senão de um panfleto. Um ateu, se é simplesmente um homem bem-educado, pensará, a propósito daquela peça, que é necessário jamais entregar certos problemas graves à canalha.

LXIX

Glorificar o culto das imagens (minha grande, minha única, minha primitiva paixão).

Glorificar a vagabundagem e o que se pode chamar o boemismo. Culto da sensação multiplicada e que se exprime pela música. Lembrar Liszt.

Da necessidade de bater nas mulheres.

Pode-se castigar o que se ama. Os meninos, por exemplo. Isto implica, porém, a dor de desprezar o que se ama.

Da cornudice e dos cornudos.

A dor do cornudo.

Ela nasce de seu orgulho, dum falso raciocínio sobre a honra e a felicidade, e dum amor tolamente desviado de Deus para ser atribuído às criaturas.

É sempre o animal adorador enganando-se quanto ao ídolo.



Em menino, ora eu queria ser papa, mas papa militar, ora comediante.

Alegrias que me vinham dessas duas alucinações.

Bem menino, senti em minha alma dois sentimentos contraditórios: o horror da vida e o êxtase da vida.

É bem a característica dum indolente nervoso.

As nações só têm grandes homens contra vontade.

A propósito do comediante e dos meus sonhos de criança, um capítulo sobre o que constitui, na alma humana, a vocação do comediante, a glória do comediante, a arte do comediante e a situação dele no mundo.

A teoria de Legouvé. É Legouvé um farsante frio, um Swift, que experimentou se a França podia engolir um novo absurdo?

Sua escolha. Boa naquele sentido em que Samson não é um comediante.

Da verdadeira grandeza dos párias.

Talvez até a virtude prejudique os talentos dos párias.

O comércio é, por sua essência, satânico. O comércio é a justa represália, é o empréstimo com o subentendido: *Devolve-me mais do que eu te dou.*

O espírito de todo comerciante é inteiramente viciado.

O comércio é *natural*, logo é *infame*.

O menos infame de todos os comerciantes é aquele que diz: "Sejamos virtuosos, para ganhar muito mais dinheiro do que os tolos que são viciosos."

Para o comerciante, a própria honestidade é uma especulação de lucro.

O comércio é satânico, dado que é uma das formas do egoísmo, e a mais baixa, e a mais vil.

## LXXVI

Quando Jesus Cristo diz: "Bem-aventurados os que têm fome, porque eles serão saciados", Jesus Cristo faz um cálculo de probabilidades.

## LXXVII

O mundo não marcha senão pelo mal-entendido.

É pelo mal-entendido universal que o mundo inteiro se entende.

Pois se, por desgraça, os homens se compreendessem, não poderiam jamais entender-se.

O homem de espírito, aquele que nunca se entenderá com ninguém, deve aplicar-se a apreciar a conversa dos imbecis e a leitura dos maus livros. Disto lhe advirão prazeres amargos, que largamente compensarão a sua fadiga.

Um funcionário qualquer, um ministro, um diretor de teatro ou de jornal, podem, às vezes, ser pessoas estimáveis; porém jamais são divinos. São pessoas sem personalidade, seres despídos de originalidade, nascidos para a função, isto é, para a domesticidade pública.

*Deus e a sua profundidade.* — Pode-se não deixar de ter espírito e procurar em Deus o cúmplice e o amigo que sempre faltam. Deus é o eterno confidente nessa tragédia de que cada um é o herói. Deve de haver usurários e assassinos que dizem a Deus: “Senhor, fazei que a minha próxima operação tenha êxito!” Porém a prece desses vilões não estraga a honra e o prazer da minha.

Toda idéia é, por si mesma, dotada de uma vida imortal, tal qual uma pessoa.

Toda forma criada, mesmo pelo homem, é imortal. Porque a forma é independente da matéria, e não são as moléculas que constituem a forma.

Anedotas referentes a Émile Douay e a Constantin Guys destruindo, ou antes, julgando destruir suas obras.

É impossível percorrer uma gazeta qualquer, seja de que dia for, ou de que mês, ou de que ano, sem nela encontrar, a cada linha, os sinais da perversidade humana mais espantosa, ao mesmo tempo que as gabolices mais surpreendentes de probidade, de bondade, de caridade, e as afirmações mais descaradas a respeito do progresso e da civilização.

Os jornais, sem exceção, da primeira à última linha, não passam dum tecido de horrores. Guerras, crimes, roubos, impudicícias, torturas, crimes dos príncipes, crimes das nações, crimes dos particulares, uma embriaguez de atrocidade universal.

É com esse repugnante aperitivo que o homem civilizado acompanha a sua refeição de cada manhã. Tudo, nesse mundo, transpira o crime: o jornal, a muralha e o semblante do homem.

Não compreendo que uma mão pura possa tocar num jornal sem uma convulsão de repugnância.

## LXXXII

A força do amuleto demonstrada pela filosofia.  
Os solos perfurados, os talismãs, as lembranças de cada um.

Tratado de dinâmica moral. Da virtude dos sacramentos.

Desde a minha infância, pendor para o misticismo. Minhas conversações com Deus.

## LXXXIII

Da Obsessão, da Possessão, da Prece e da Fé.  
Dinâmica moral de Jesus.

Renan considera ridículo que Jesus creia na onipotência, ainda que material, da Prece e da Fé.

Os sacramentos são meios dessa dinâmica.

Da infâmia da imprensa, grande obstáculo ao desenvolvimento do Belo.

Bela conspiração por organizar para o extermínio da raça judaica.

Os judeus *Bibliotecários* e testemunhas da *Redenção*.

Todos os imbecis da Burguesia que pronunciam sem cessar as palavras: *imoral, imoralidade, moralidade na arte* e outras sandices, fazem-me pensar em Louise Villedieu, puta de cinco francos, que certa vez, acompanhando-me ao Louvre, onde nunca estivera, pôs-se a enrubescer, a cobrir o rosto, e, puxando-me a cada instante pela manga, me perguntava, ante as estátuas e os quadros imortais, como se podiam exhibir publicamente semelhantes indecências.

As folhas de videira do Sr. Nieuwerkerke.

Para que existisse a lei do progresso, seria preciso que cada um quisesse criá-la; vale dizer que, quando todos os indivíduos se applicarem a progredir, então a humanidade estará em progresso.

Pode esta hipótese servir para explicar a identidade das duas idéias contraditórias, liberdade e fatalidade. — Não só haverá, em caso de progresso, identidade entre a liberdade e a fatalidade, mas essa identidade sempre existiu. Essa identidade é a história, história das nações e dos indivíduos.

LXXXVI

Soneto para citar em *Meu Coração Desnudado*.  
Citar, também, a peça sobre Roland.

Je songeais cette nuit que Philis revenue,  
Belle comme elle était à la clarté du jour,  
Voulait que son fantôme encore fit l'amour,  
Et que, comme Ixion, j'embrassasse une nue.

Son ombre dans mon lit se glisse toute nue,  
Et me dit: "Cher Damon, me voici de retour;  
Je n'ai fait qu'embellir en ce triste séjour  
Où depuis mon départ le sort m'a retenue.

"Je viens pour rebaiser le plus beau des amants;  
Je viens pour remourir dans tes embrassements."  
Alors, quand cette idole eut abusé ma flamme,

Elle me dit: "Adieu! Je m'en vais chez les morts.  
Comme tu t'es vanté d'avoir foutu mon corps,  
Tu pourras te vanter d'avoir foutu mon âme."

*Parnasse satyrique.\**

\* Tradução literal:

Esta noite eu sonhei que Filis, de retorno,  
Bela como era à claridão do dia,

Creio que este soneto é de Maynard. Malassis  
pretende que é de Théophile.

LXXXVII

Queria que o seu fantasma ainda fizesse o amor,  
E que eu, como Ixion, beijasse uma nuvem.

Sua sombra em meu leito desliza toda nua,  
E diz-me: "Caro Dâmon, eis-me aqui de regresso.  
Não fiz senão embelezar-me nessa triste estância,  
Onde desde a minha partida a sorte me reteve.

Venho para rebeijar o mais belo dos amantes;  
Venho para remorrer em teus abraços."  
Então, depois que esse ídolo iludira minha chama,

Disse-me: "Adeus! Vou ter com os mortos;  
Como te vanglorias de haver possuído meu corpo,  
Poderás vangloriar-te de haver possuído minha alma."

*Parnaso Satírico.*